

QUANDO O RACISMO INCORPORADO É COLOCADO EM CAMPO NO FUTEBOL, AS AÇÕES RELATIVAS À HUMANIDADE SÃO CONVOCADAS AO JOGO

Alice Maria Corrêa Medina¹

Docente Adjunta da Faculdade Educação Física (FEF) – Universidade de Brasília
Brasília, DF, Brasil

Resumo: O futebol é considerado como um fenômeno sociocultural que envolve uma participação significativa da população, contribuindo para a formação da própria identidade brasileira, além de instituir-se, em alguns casos, como um elemento de organização das rotinas pessoais e familiares, tendo em vista a programação dos jogos. Como um espaço de lazer, o futebol, nos últimos anos, no que se refere ao contexto de discriminação racial, tem testemunhado uma intensificação das tensões sociais, nas quais as manifestações de violência acontecem em situações diversificadas. O presente artigo tem como objetivo contribuir não apenas com reflexões e discussões, mas com futuras proposições que avancem na implementação de políticas públicas que tratem da cultura de violência instituída e do racismo no futebol disseminados e propagados, visando a uma transformação baseada em uma educação humanizada. O texto apresenta a temática sobre a cultura de violência no futebol abordando os processos relacionados aos insultos no espaço futebolístico, trazendo uma discussão relativa à dimensão do incorporado, como o que é considerado como o próprio corpo.

Palavras-chave: Futebol. Racismo. Incorporação. Humanidade.

WHEN THE INCORPORATED RACISM IS PLACED ON THE FIELD IN FOOTBALL, THE ACTIONS RELATED TO HUMANITY ARE SUMMONED TO THE GAME

Abstract: Football is considered a socio-cultural phenomenon, involving a significant participation of the population, contributing to the formation of the Brazilian identity itself, in addition to establishing itself, in some cases, as an element of organization of personal and family routines, considering the programming of games. As a leisure space, football, in recent years, has witnessed an intensification of social tensions, with regard to the context of racial discrimination, in which manifestations of violence occur in different situations. This text aims to contribute not only with reflections and discussions, but with future propositions that advance the implementation of public policies that deal with the instituted culture of violence and racism in football, disseminated and propagated, aiming at a transformation based on an education humanized. The text presents the theme about the culture of violence in football addressing the processes related to insults, in the football space, bringing a discussion regarding the dimension of the incorporated, such as what is considered as the body itself.

Keywords: Football. Racism. Incorporation. Humanity.

CUANDO EL RACISMO INCORPORADO SE COLOCA EN EL CAMPO EN EL FÚTBOL, LAS ACCIONES RELACIONADAS CON LA HUMANIDAD SE CONVOCAN AL JUEGO

Resumen: El fútbol es considerado un fenómeno sociocultural, involucrando una participación significativa de la población, contribuyendo para la formación de la propia identidad brasileña, además de constituirse, en algunos casos, como un elemento de organización de las rutinas personales y familiares, considerando la programación de juegos. Como espacio de ocio, el

¹ Doutorado em Ciências da Saúde UnB, Pós-Doutorado em Educação – Universidade de Barcelona - Espanha
E-mail: licinhamedina@gmail.com

futebol, en los últimos años, ha sido testigo de una intensificación de las tensiones sociales, respecto al contexto de discriminación racial, en el que se dan manifestaciones de violencia en diferentes situaciones. Este texto pretende contribuir no sólo con reflexiones y discusiones, sino con propuestas de futuro que avancen en la implementación de políticas públicas que aborden la cultura instituida de la violencia y el racismo en el fútbol, difundida y propagada, visando una transformación basada en una educación humanizada. El texto presenta el tema sobre la cultura de la violencia en el fútbol que aborda los procesos relacionados con el insultos, en el espacio de fútbol, trayendo una discusión sobre la dimensión de los incorporados, como lo que se considera el cuerpo mismo.

Palabras-clave: Fútbol. Racismo. Incorporación. Humanidad.

Introdução

Os meios de comunicação têm tentado estender a popularidade do futebol a outros jogos, como o tênis, o vôlei [...]. Em vão: somente o futebol é que verdadeiramente mobiliza a “paixão” do povo brasileiro.
Ariano Suassuna

O futebol é considerado como um fenômeno sociocultural que envolve uma parcela significativa da população, influenciando na formação da identidade brasileira. No contexto do Brasil, observa-se que rotinas pessoais e familiares, por vezes, são organizadas em função das tabelas dos jogos de futebol. A influência social, cultural e política que o futebol exerce implica a criação de cotidianos que são produzidos e influenciados pelos resultados das partidas, havendo a percepção de que é “difícil imaginar, hoje, o Brasil sem o futebol” (TOLEDO, 1996, p.67).

O futebol é considerado como uma referência de lazer, pois, de acordo com Salles (1998, p.53), “o futebol conquistou o referencial de lazer – espetáculo como espaço aceitável para liberação das tensões que no seu mundo real não é permitido”. O fato da indicação, apresentada na citação anterior, relativa à compreensão do futebol como um espaço para liberação de tensões pode suscitar a possibilidade de esse esporte ser utilizado como uma atividade catártica, na qual é possível uma manifestação livre, como uma válvula de escape. Nesse sentido, como um ambiente livre, os xingamentos proferidos pela torcida, seja em direção aos jogadores ou aos técnicos, são considerados como normais, sendo minimizados e até desconsiderados em algumas situações.

Embora atualmente, no cenário mundial, pressupostos legais tenham sido implementados a fim de orientar as questões concernentes ao futebol para que seja apropriado como esporte ou como prática de lazer, ele é tomado por diversos tipos de violência de forma crescente, principalmente em relação às expressões de preconceito de cunho racial, o que ocorre não apenas no Brasil, mas também em nível mundial. Sem dúvida, pelas situações observadas em relação às diversas formas de violência humana, há, segundo Foucault, em seu

livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (2005), a necessidade de vigiar e punir em nome da convivência social. Entretanto, aliada a essas ações, a educação para humanização é uma estratégia de transformação efetiva, ao se considerar as relações e as diferenças entre seres humanos.

Sopesando que a violência e a discriminação racial são recorrentes e que há a necessidade de desenvolvimento do conhecimento em relação às atitudes e aos comportamentos, o texto convida produções e publicações sobre o tema, visando promover reflexões e práticas baseadas em uma educação mais humanizada.

De certa forma, há uma cultura de violência no futebol que foi se cristalizando e estruturando pensamentos e comportamentos de desrespeito, discriminação e violência emocional e física entre os agentes envolvidos, abrangendo torcidas, jogadores, técnicos e juízes.

O diálogo reflexivo, apresentado neste texto, aborda as dimensões do incorporado, como o próprio corpo, a fim de contribuir não apenas com reflexões e discussões, mas com proposições, visando à implementação de políticas públicas que tratem da disseminada cultura da violência no futebol e da possibilidade de transformação a partir de uma educação humanizada.

Da admiração à discriminação: experiências emergentes de um mesmo lugar

Considerando que o lazer é uma atividade voluntária exercida por uma pessoa, é possível observar, por meio de atitudes e comportamentos, os valores e as crenças que estão efetivamente incorporados, visto que, sendo uma ação voluntária, é passível de ser utilizada como um instrumento para manifestação espontânea.

Embora não seja objetivo do presente trabalho apresentar estudos e pesquisas sobre o lazer de forma mais aprofundada, considera-se que apresentar o conceito sobre o lazer é importante, a fim de estruturar uma linha de pensamento sobre alguns pontos que são tocados pelo jogo como uma forma de lazer.

Gomes (2004) aponta que

O Lazer compreende, dessa maneira, a vivência de inúmeras práticas culturais, como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de arte, dentre várias outras possibilidades. Inclui, ainda, o ócio, uma vez que esta e outras manifestações culturais pode constituir, em nosso meio social, notáveis experiências de Lazer (GOMES, 2004, p.124).

Segundo Dumazedier (1976), o lazer

é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (1976, p.34).

De acordo com Dumazedier (1976), o lazer, inicialmente, está relacionado à forma de liberação e prazer, ao descanso, ao divertimento, à recreação e ao entretenimento, não sendo considerado apenas como espaço e tempo para serem utilizados livremente, mas vai além dessas variáveis. No contexto do brasileiro, a relação do futebol com o lazer como um momento de prática aos finais de semana ou nas arquibancadas ocupadas pelas torcidas é considerada como uma das principais referências de lazer no Brasil, de acordo com Salles (1998).

O futebol é um fenômeno sociocultural que representa a própria identidade brasileira e, como experiência de lazer, é habilitado a inspirar diferentes contextos sociais (LAGES e SILVA, 2012). Nesse sentido, relacionado ao lazer, o futebol ganha uma dimensão como produto e produtor de cultura, que, de maneira direta e indireta, estrutura as relações e os cotidianos do povo. Também é tido como um fenômeno corporal, tramado cotidianamente nas diferentes realidades e contextos brasileiros, no qual o corpo, em suas dimensões emocionais, físicas, políticas, culturais, cognitivas e econômicas, constitui-se, baseado muitas vezes nos calendários dos campeonatos. Assim, a vida do torcedor engajado é organizada e orientada pela programação dos jogos, que exerce uma forma de poder junto à rotina da população, sendo capaz de interferir e alterar o fluxo e o ritmo até de uma cidade. Nesse sentido, Toledo (1996) declara que

Caminhando pela cidade nos dias e nas horas que antecedem os chamados clássicos, logo se percebe que parte das regras cotidianas, que imprimem ritmo à cidade, são alteradas por motivos desses jogos. Exposição, decores exuberantes e contrastantes, símbolos e marcas, rostos pintados com as cores de preferência alusivas aos clubes: cantos e gritos de guerra ecoam pelas ruas e bares, nos ônibus e estações de metrô. Ainda ânimos, notadamente alterados, consumo de bebidas alcoólicas, instauração de uma outra ordem (1996, p.39).

Resumindo, esse fenômeno social exerce poder sobre a vida e, dessa forma, pode ser considerado como um elemento de impacto na produção das realidades culturais e sociais. Damatta *et al.* (1982) e Daolio (1997) apontam o futebol como um fenômeno imbricado na identidade brasileira, interferindo nas variadas formas e texturas culturais. Destarte, é possível

reflexionar que esse fenômeno movimenta os cotidianos para além dos campos, das arquibancadas, das tabelas, produzindo a vida da população. Tal envolvimento, na vida da população, produz significados socialmente disseminados e incorporados que não se limitam apenas aos tempos e espaços nos quais o futebol acontece, mas vai além deles.

Nas ruas, várzeas, quadras, escolas, nos quintais e, principalmente, no imaginário que cria e recria a vida no dia a dia, o futebol está presente, seja durante a utilização de uma garrafinha, uma bola de meia ou de papel, uma tampa ou até a casca de um coco deixada na sarjeta, o futebol está no corpo e no imaginário do brasileiro.

Nesse tempo e espaço da diversão e do prazer, o lazer é considerado como uma forma de ocupação livre para descansar, divertir e recrear, e o futebol é culturalmente potencializado no Brasil, produzindo direta e indiretamente sentidos, valores, atitudes e comportamentos. É um propulsor de manifestações corporais espontâneas, como um espaço para expressões das revelações pessoais, visto que o corpo se torna livre para se manifestar.

Um jogo de futebol é um acontecimento para muitas pessoas, atuando como um produtor de significados culturais e sociais, protagonizando a produção de sentidos corporais e interferindo na vida de grande parte da população.

Pessoas são levadas aos estádios pelo amor ao clube e ao time, movimentando um mercado consumidor extraordinário, entre bens e serviços ofertados e consumidos por torcedores e simpatizantes. Como um integrante da família, esse acontecimento sociocultural é ouvido e respondido por milhares de pessoas que literalmente vivem o futebol. Também não deixa de ser um lugar de manifestação de disputas políticas e de tensões interna e externa entre os sujeitos, que se organizam no interior de cada estrutura, tensionados pelas lutas diárias junto aos sistemas dominantes que os envolvem, comprimidos e expandidos dinamicamente, em seus territórios sociais e culturais. Segundo Hall (1997), a cultura é considerada como um território marcado por lutas e tensões a partir das divisões de gênero, classe e etnias, como um lugar de resistência sobre aqueles que querem dominar.

As pressões exercidas são detectadas tanto interna como externamente e, nesse movimento, a cultura é mantida, moldada, transformada e produzida pelas dinâmicas dos grupos.

As manifestações preconceituosas ocorrem em eventos esportivos em todo o mundo, sendo consideradas um grande desafio. Por vezes, um mesmo jogador pode ser enaltecido após uma partida de futebol e ser desrespeitado em outra em função do resultado obtido, vivendo as duas faces de uma mesma moeda colocada em jogo. Um comportamento que visa desqualificar e desvalorizar um jogador ou um árbitro demonstra a dificuldade do agente em separar, durante

um jogo, a performance de atuação da dimensão humana. Nesse campo, não há como prever as reações que, durante uma partida de futebol, podem ocorrer, havendo a necessidade de um controle sobre as manifestações abusivas e que denotam desrespeito e que infringem as leis sociais e esportivas.

A expressão corporal nos espaços de lazer e de entretenimentos, considerados como aqueles que permitem uma manifestação mais livre, favorece a expressão das emoções, dos sentimentos, valores e comportamentos como uma linguagem, podendo cada pessoa e cada grupo revelar-se.

Observa-se que, em alguns casos, os xingamentos integram a cultura do futebol, sendo considerados como parte do próprio ambiente desportivo, normalizados e até aceitos coletivamente. Em relação aos xingamentos proferidos, um estudo foi desenvolvido e publicado por Ferreira *et al.* (2017), que analisou os relatos/repertórios discursivos sobre o preconceito racial no futebol, com a participação de 295 universitários na Paraíba. Os resultados demonstraram que a existência do preconceito no futebol é admitida, sendo considerado como um espaço para a expressão de sentimentos e emoções. Se, de alguma forma, os xingamentos são elementos pactuados e aceitos no ambiente do jogo, progressivamente cria-se uma cultura de desrespeito e violência sobre o outro que é aceita, disseminada e reproduzida pelos envolvidos, passando a integrar a expressão dos grupos. O que está em “jogo”, sem dúvida, antes e para além dos discursos racistas, são os tipos de relações estabelecidas entre os seres humanos, baseadas em ações judicativas e classificatórias, a fim de hierarquizar corpos e grupos, orientadas pelas lógicas sociais estabelecidas que se perpetuaram e ainda hoje são mantidas relativas à percepção sobre o outro no tocante às diferenças.

Mas, a partir do momento em que um homem precisou do auxílio de outro, a partir do momento em que se aperceberam ser útil a um só possuir provisões para dois, a igualdade desapareceu, a propriedade introduziu-se, o trabalho tornou-se necessário, e as vastas florestas transformaram-se em campos vicejantes que foi preciso regar com o suor dos homens, e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas (ROUSSEAU, 1755/1989, p. 92-93).²

As relações raciais são estabelecidas por uma dimensão de transitoriedade, na qual o racismo pode se manifestar de maneira mais sutil, entre gestos, risos e até olhares que são direcionados sobre o corpo negro, mulato ou pardo. A forma branda de manifestação torna-se uma espécie de jogo que revela e esconde, ao mesmo tempo, o real sentido e significado da

² Extraído da obra **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**, de J. J. Rousseau (1989/1755).

expressão disseminada sobre o outro que, como ser humano atingido, consegue identificá-la.

Especificamente em relação aos xingamentos observados, como presença do racismo no futebol, apresenta-se, a seguir, uma notícia do jornal O Estado de S. Paulo (2009), citado por Abrahão e Soares (2012), de autoria de José de Souza Martins, que trata da suspensão do presidente do Palmeiras na época como punição pelos insultos racistas emitidos contra o árbitro Carlos Simon, em função da derrota do Palmeiras para o Fluminense, no Campeonato Brasileiro de 2009.

No texto “Belluzzo e o insulto”³ (O Estado de S. Paulo, 2009), citado por Abrahão e Soares (2012, p. 18), afirma-se:

A condenação do presidente do Palmeiras, o professor da Unicamp, Luiz Gonzaga Belluzzo, a nove meses de suspensão do exercício da função, é desses fatos que já entraram para o folclore do futebol brasileiro, incluído no repertório das rodas de cerveja dos botecos, dos bate-boca de esquina e até da macarronada dominical dos palmeirenses dos velhos bairros operários. Sobretudo porque Belluzzo é conhecido por sua cordialidade, sua sensatez e boa educação. [...]. A decisão punitiva da Comissão Punitiva do Tribunal de Justiça Desportiva seria mais compreensível se se tratasse de julgamento relativo a fato ocorrido num colégio de freiras, dos antigos. Mais difícil de compreender na lógica popular do futebol, de que o insulto é constitutivo. Futebol sem xingamento e insulto não é futebol, é jogo de amarelinha. O futebol nasceu justamente na Inglaterra tensa da sociedade de classes decorrente da Revolução Industrial. Nasceu como instrumento politicamente terapêutico e válvula de escape das tensões sociais, para que o jogo da economia pudesse continuar. Veio para cá nesse mesmo espírito, não por acaso introduzido por Charles Miller, nativo do proletário Brás, empregado da São Paulo Railway. [...].

É importante esclarecer que o exercício de compreensão, em relação aos fatos, envolve uma apropriação do conhecimento sobre o ocorrido com o objetivo de conhecer os argumentos e as justificativas que conferem e produzem sentidos sobre os fenômenos observados. Nessa lógica, o fato de uma manifestação caracterizada como racista ter sido proveniente de um técnico de futebol não causa estranheza ao se levar em conta que, antes de ser um técnico, um professor, um policial ou qualquer outro profissional, cada sujeito é antes um indivíduo circunscrito e localizado em um determinado tempo e espaço social e culturalmente constituído e “consequência” dessa realidade.

É valioso destacar dois fragmentos, baseados na citação anterior, relativos à percepção da punição e dos xingamentos, durante a partida de futebol, do texto de Martins – “Belluzzo e o insulto”, publicado no jornal O Estado de S. Paulo, citado por Abrahão e Soares (2012).

Fragmento A:

A decisão punitiva da Comissão Punitiva do Tribunal de Justiça Desportiva seria mais compreensível se se tratasse de julgamento relativo a fato ocorrido num colégio de

³ MARTINS, J. S. Belluzzo e o insulto. **O Estado de S. Paulo**, segunda-feira, 23/11/2009, Cidades/Metrópole, C8.

freiras, dos antigos. Mais difícil de compreender na lógica popular do futebol, de que o insulto é constitutivo. Futebol sem xingamento e insulto não é futebol, é jogo de amarelinha.

O autor faz uma crítica à Comissão Punitiva do Tribunal de Justiça Desportiva em relação à punição imposta ao técnico de futebol ao manifestar que a decisão seria mais apropriada a um colégio de freiras, acrescentando que “futebol sem xingamento [...] é jogo de amarelinha”.

Fragmento B:

O futebol nasceu justamente na Inglaterra tensa da sociedade de classes decorrente da Revolução Industrial. Nasceu como instrumento politicamente terapêutico e válvula de escape das tensões sociais, para que o jogo da economia pudesse continuar.

O que se depreende do texto anterior é que, segundo a percepção do autor, como o jogo surge em decorrência das tensões vividas durante a Revolução Industrial, é tido como um instrumento de tratamento terapêutico aos problemas e às tensões sociais, podendo inferir-se, pelo texto apresentado, que, assim sendo, é um espaço de catarse para a liberação das emoções e tensões reprimidas.

Embora o texto tenha sido publicado em 2009, é possível que muitas pessoas, ainda hoje, coadunem com essa compreensão em relação às expressões no futebol. Nesse sentido, compreende-se que os comportamentos observados atualmente de maneira recorrente nos campos de futebol quanto à normalização de xingamentos é algo para ser identificado, pesquisado e discutido. A percepção é a de que existe uma espécie de “cultura de xingamento” que é reverberada, tradicionalmente pactuada e adotada por aqueles que produzem o futebol, desde os espectadores até os empresários e grandes clubes de futebol.

Ao se manifestar de forma desrespeitosa, desqualificando um juiz ou um jogador, durante ou após uma partida de futebol, o protagonista da ação se afasta do contexto esportivo, imprimindo formas de expressão e linguagem que não contribuem para um engajamento coletivo, mas que, ao contrário, discrimina, descaracterizando o real espírito esportivo.

O racismo incorporado

É possível destacar que, de um modo geral, as desigualdades observadas no Brasil são originadas a partir de duas variáveis principais: da condição relacionada à raça e à classe no contexto dos diferentes grupos sociais, resultando em formas de violências nutridas pelo desejo

e pela sedução de poder sobre o outro.

Nos últimos anos, no que se refere ao contexto de discriminação racial, tem ocorrido uma intensificação das tensões sociais, nas quais as manifestações acontecem em ambientes e espaços diversificados, ou seja, em espaços públicos, escolas, restaurantes, mercados, escritórios, além de espaços de lazer, como no futebol, que historicamente é apontado como um ambiente de discriminação racial.

Refletir acerca da corporeidade, colocada “pra” jogo, visando discutir sobre as questões do futebol para tratar o incorporado, compreendido como um elemento integrante do corpo, é uma estratégia importante para a compreensão sobre a expressão corporal esportiva. Considerando que a corporeidade está relacionada às percepções e às experiências do corpo no mundo, o incorporado é compreendido como o que integra e constitui o próprio corpo.

O corpo, de acordo com Merleau-Ponty (1999), é reconhecido como o corpo vivido, constituído a partir das experiências durante a existência, concomitantemente ao processo de desenvolvimento humano, visto que é a própria condição humana para estar e viver no mundo. Merleau-Ponty aponta que

O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece “subjetivo”, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito. Portanto, com o mundo enquanto berço das significações, sentido de todos os sentidos e solo de todos os pensamentos, nós descobrimos o meio de ultrapassar a alternativa entre realismo e idealismo, acaso e razão absoluta, não-sentido e sentido. O mundo tal como tentamos mostrá-lo, enquanto unidade primordial de todas as nossas experiências no horizonte de nossa vida e termo único de todos os nossos projetos (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 576).

Segundo Le Breton, o corpo “é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico” (2007, p. 92). Dessa forma, pode-se afirmar que o corpo é o próprio Ser. Corpo que vai se constituindo pelas interlocuções e pelos diálogos cotidianos junto à vida, sendo considerado como uma construção social. O autor afirma que o corpo é

[...] o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento etc. (LE BRETON, 2007, p. 7).

Em 1995, Turra e Venturi publicaram um estudo relacionado a um tipo de racismo, identificado como característico do povo brasileiro, denominado “racismo cordial”, direcionado a

negros e mulatos. Os autores apontam que o “racismo cordial”, dotado de um polimento superficial para a propagação de comportamentos discriminatórios, é expresso por meio de brincadeiras, piadas e alguns ditos populares relacionados à raça, que foram apropriados e disseminados ao longo do tempo. A pesquisa apontou que, embora 89% dos participantes tenham afirmado que existe racismo no Brasil, somente 10% admitem ser racistas. Foi utilizada no estudo uma escala com 12 itens que apresentaram algumas frases em relação ao negro, por exemplo: “Negro bom é negro de alma branca”, “Negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída”, sendo verificado que mais de 50% dos participantes concordam com afirmativas desse tipo em relação ao negro.

No que diz respeito ao racismo brasileiro, Guimarães assevera que “trata-se de um racismo sem intenção, às vezes de brincadeira, mas sempre com consequências sobre os direitos e as oportunidades de vida dos atingidos (1999, p. 67)”. Na verdade, segundo Silva (2000), no racismo brasileiro, não há nada de cordialidade, visto que envolve exclusão e discriminação de pessoas negras.

Conhecer e considerar as dimensões e os aspectos que envolvem “o incorporado” é valioso para o desenvolvimento do conhecimento acerca dos processos relacionais inerentes ao ser humano, integrado ao corpo, a partir das percepções e das experiências no mundo.

Segundo Winnicott (1958), a incorporação está relacionada ao corpo vivido como aquele que é constituído em seus cotidianos, rotinas e práticas. Os processos de incorporação de informações, práticas e comportamentos podem ocorrer de forma consciente, entretanto há outros que são produzidos e reproduzidos de forma automática. Dessa forma, o incorporado edifica o corpo como representação da própria natureza humana.

Como uma forma de comportamento incorporado, produzido por uma ação consciente ou inconsciente, na qual a resposta acontece de maneira automática perante determinada situação, Medina (2021) apresenta o seguinte exemplo:

Um corredor corre em um caminho através de uma pequena floresta. Ele está sozinho e não há câmeras ou transeuntes que possam identificá-lo. Durante o exercício, ele segura uma pequena garrafa de plástico descartável com água para beber. Terminado o líquido, ele continua segurando-o, para poder descartá-lo em uma lixeira durante o percurso. Ao pular sobre um galho caído, ele o deixa cair. Ele tem duas opções: continuar a correr ou buscar a garrafa. Ele decide voltar e pegar a garrafa para descartá-la em local apropriado. Este é o momento em que o ser humano pode ser considerado incorporado à natureza e a natureza nele (MEDINA, 2021, p.7, tradução nossa).

Sem dúvida, a complexidade que envolve a condição humana aponta para desafios singulares que precisam ser dimensionados, tratados e dialogados, considerando-se a

diversidade de comportamentos, entretanto o fato de a diversidade não ser considerada não desfaz ou elimina a realidade complexa que envolve a vida.

Se, de alguma forma, o racismo está incorporado, certamente irá se manifestar, seja de maneira consciente ou inconsciente e, para que ocorra uma transformação significativa, é necessária a criação de novas lógicas relacionais de convivência, antes e para além das punições que muitas vezes não transformam aquele que agride e desrespeita.

Rumo à humanização

A instituição escolar tem o privilégio de constituir-se como um espaço singular de transformação social e humana. Urgente é a necessidade de uma educação humanizadora, visando à produção de sentidos humanos em uma sociedade globalizada que, além de respeitar a dignidade e os direitos fundamentais, promova o diálogo entre as diferenças. Em 2013, foi elaborado um documento por meio de uma parceria entre a Secretaria do Direitos Humanos e o Ministério da Educação com o objetivo de promover uma educação mais humanizada. Segundo o documento,

A Educação em Direitos Humanos tem por escopo principal uma formação ética, crítica e política. A primeira se refere à formação de atitudes orientadas por valores humanizadores, como a dignidade da pessoa, a liberdade, a igualdade, a justiça, a paz, a reciprocidade entre povos e culturas, servindo de parâmetro ético-político para a reflexão dos modos de ser e agir individual, coletivo e institucional. A formação crítica diz respeito ao exercício de juízos reflexivos sobre as relações entre os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos, promovendo práticas institucionais coerentes com os Direitos Humanos pautada numa perspectiva emancipatória e transformadora dos sujeitos de direitos. (BRASIL, 2013, p. 53).

Os projetos e programas que se proponham a produzir mudanças sociais significativas devem considerar que a educação, embora não promova resultados imediatos, é fundamental à transformação social, com base em reflexões críticas e responsáveis, para mediar novos contextos e realidades que prezem pela cooperação e pelo acolhimento de todos, independentemente das cores da bandeira, do time, do partido e da pele.

Partindo de uma visão panorâmica sobre os agravos sociais, ambientais e humanos cometidos durante o percurso civilizatório da diáspora humana, verifica-se que, durante todo esse tempo, a humanidade foi capaz de avançar em muitas áreas do conhecimento como a saúde e a tecnologia, entretanto a percepção é a de que áreas mais elementares e fundamentais à sua permanência e sobrevivência, como as áreas humanas e ambientais, foram negligenciadas. Como consequência desse caminho percorrido, a sociedade enfrenta desafios

crescentes por não ter aprendido, de forma satisfatória, acerca da sua própria humanidade.

Os estudos e as pesquisas direcionados ao conhecimento sobre as relações raciais apontam que a cor e a ideia de raça estruturam a cultura e o imaginário da população brasileira, produzindo comportamentos de cunho racista, compreendendo-se que há a necessidade premente de debates e produções relativas à discriminação e à cor da pele.

Como exercício reflexivo, visando à compreensão sobre a condição humana, Morin (2001), em seu livro que trata dos sete saberes, aponta como terceiro saber – ensinar a condição humana, já que o ser humano precisa reconhecer-se como parte do universo.

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano (MORIN, 2001, p. 43).

Durante o processo de constituir-se como ser humano, cada pessoa experiencia o mundo por meio da cultura, da diversidade e dos grupos, estruturando-se como Ser a partir dos sentidos e significados. Segundo o autor,

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, dos fazeres, das regras, das normas, das proibições, das estratégias, das crenças, das ideias, dos valores, dos mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2001, p.51)

Destarte, um dos grandes desafios da humanidade é a apropriação civilizatória da essência humana de maneira efetiva, a fim de implementar e disseminar relações que a legitimem na prática da vida. Tratar de questões sobre essa condição é fundamental para a compreensão e discussão sobre o lazer, a fim de localizá-lo como forma de atividade e como um fenômeno social produzido cultural, política e economicamente pelos grupos e pelas sociedades, levando em conta a cultura corporal, inscrita como saberes e fazeres do corpo.

Se o lazer é apregoado como uma experiência corporal voluntária, há a necessidade de discutir sobre as variáveis que estruturam a cultura do lazer em determinados grupos, que contribuem para a promoção da segregação, do desrespeito e dos pré-conceitos diante de uma humanidade que ainda não tem uma clareza em relação ao seu devir.

De certa forma, pode-se constatar, pelos problemas atuais, que a lição ainda não foi aprendida ao se observar as situações, os contextos e as ignorâncias recorrentemente presenciados. Aprender a condição humana também requer o reconhecimento das limitações e fragilidades que cercam o sujeito, assim como os desafios relacionados à complexidade e

subjetividade que o envolvem.

Visando à compreensão sobre o ser humano, Morin afirma:

É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno (2001, p.50).

Em se tratando, especificamente, das questões atinentes ao racismo, as políticas públicas e ações de reparação são prementes ante o contexto histórico de discriminação e desrespeito amealhados em diversos episódios da história do Brasil. Apontando a educação como uma possibilidade de transformação social, os programas e projetos, visando a uma educação para humanidade, poderão favorecer a obtenção de resultados significativos diante das premências e dos desafios vividos atualmente.

Na obra *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon (1952), filósofo antilhano, ao discutir sobre as questões relacionadas às lutas anticoloniais e ao racismo, não aborda somente a luta pela liberdade, mas, concomitantemente, refere-se à luta pela afirmação da própria identidade como ser humano na direção do amor, da vida e da cooperação, opondo-se ao desprezo e à exploração entre seres humanos. Nesse sentido, no que tange à dimensão do Ser, Fanon revela:

Eu não sou prisioneiro da História. [...] Devo lembrar-me a todo instante que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência. No mundo onde eu me conduzo, eu me recrio interminavelmente. Eu sou solidário ao Ser na medida em que eu o ultrapasso. [...] E é ultrapassando o dado histórico, instrumental, que eu introduzo o ciclo da minha liberdade. [...] Um homem, no início da sua existência, está sempre [...] mergulhado na contingência. [...] É por um esforço de recuperação de si e de despojamento, é no tensionamento permanente da sua liberdade que os homens podem criar as condições de existência ideais de um mundo humano. [...] Ao fim desta obra, nós gostaríamos que as pessoas sentissem, como nós sentimos, a dimensão aberta de toda consciência (FANON, 1952, p. 186-188) (Tradução livre).

Fanon indica uma transposição do Ser a partir de uma consciência e uma responsabilização sobre a história que é escrita no tempo e no espaço. Segundo o autor,

Não é possível subjugar homens sem logicamente os inferiorizar de um lado a outro. E o racismo mais não é do que a explicação emocional, afetiva, algumas vezes intelectual, desta inferiorização. Numa cultura com racismo, o racista é, pois, normal (FANON, 2012, p. 281).

A humanização, de acordo com Paulo Freire (2002), também é descrita como um elemento a ser envolvido na prática da vida cotidiana, paralelamente a um encontro entre as pessoas. O autor afirma que, por meio da humanização, as vidas podem ser reconhecidas e

transformadas em prol de uma educação humanizada.

Freire (1969) discute a humanização e a desumanização, asseverando que o caminho para a existência humana é a humanização. Como consequência dos processos de desumanização, Freire (2005) considera as recorrentes manifestações e comportamentos egocêntricos e egoístas como um risco à vida.

Ao discutir sobre humanização e desumanização, Freire (1969) considera que o caminho para a existência humana é a humanização e, caso a escola e a família não consigam alcançar esse desenvolvimento, ambas terão falhado na formação do sujeito. O humanismo educacional consiste na tomada de consciência plena da humanidade relacionada à condição de enxergar o outro com um olhar de afetividade e de fraternidade (FREIRE, 2005).

Loparic (2000), no artigo “O animal humano”, afirma que o ponto central para a compreensão sobre o conceito de produção imaginativa é a “dação de sentido”. A dação de sentido sobre as coisas, ou melhor, conferir um sentido às coisas é um movimento que “alimenta” o desenvolvimento e a existência humana durante toda a vida.

Destarte, a dação de sentido estrutura o humano e, nessa mesma esteira, seguem os valores e comportamentos como consequências, constituindo o ser humano em Ser e fazer o mundo ao produzir-se junto com ele. Se os cotidianos têm início a partir das lógicas e dos argumentos que cada ser humano incide sobre a estrutura que organiza e produz, justificado pela premência da vida, é necessário ampliar o conhecimento sobre a produção de sentidos com o objetivo de criar uma sociedade mais humanizada. Dessa forma, a indicação é avançar para uma concepção, responsabilização e, principalmente, para uma educação social que não apenas esteja no mundo, mas que edifique um mundo mais complacente e acolhedor, considerando, sobretudo, o respeito às diferenças.

Considerações Finais

Reconhecendo aquilo que é ou está “incorporado” como um elemento que representa o próprio corpo no contexto das manifestações de violência no futebol, compreender os dispositivos que estão “em jogo” é fundamental para a promoção de políticas públicas em prol de uma Educação Humanizada.

O lazer, por suas características, é um campo profícuo para o desenvolvimento de estudos e pesquisas no sentido de identificar, avaliar e discutir sobre as manifestações de violência, seja no futebol ou em outros contextos nos quais o corpo possa se expressar de forma mais livre.

Sopesando que todas as formas de violência podem ser consideradas como uma linguagem corporal aprendida, o respeito e o afeto também poderão ser promovidos por meio de uma educação humanizada para a formação de seres humanos *lato sensu* ou em sentido amplo.

Quando o corpo no espaço do lazer invade e coloca “pra” jogo o preconceito incorporado, é preciso reconhecer a urgência da humanidade em campo. Autora (2023).

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Futebol e lazer: uma análise sobre o “Racismo à Brasileira” através dos Jogos “Preto x Branco”. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 15, n. 3, 2012. DOI: 10.35699/1981-3171.2012.709. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/709>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais. **Caderno de Educação em Direitos Humanos**, n.1, Brasília, 2013.
- DAMATTA, Roberto. *et al.* **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, Jocimar. A violência no futebol brasileiro. *In:* **Cultura, educação física e futebol**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FANON, Frantz. **Peau Noire, Masques Blancs**. Paris: Editios du Seuil, 1952.
- FANON, Frantz. Racismo e cultura. *In:* SANCHES, M. R. (Org.), **Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais**. Lisboa: 70, 2012.
- FERREIRA, Andreza Silene Silva. *et al.* Xingamento ou preconceito: um estudo sobre a expressão do preconceito racial no futebol. **Psico**, v. 48, n. 2, p. 81–88, 2017. DOI: 10.15448/1980-8623.2017.2.25170. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/25170> Acesso em: 20 jul. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FREIRE, Paulo. O papel da educação na humanização. **Revista Paz e Terra**, São Paulo, ano IV, n. 9, p. 123-132, out. 1969.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – Concepções. *In*: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *In*: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

LAGES, Carlos Eduardo Dias Munaier; SILVA, Silvio Ricardo da. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. **Revista Licere** (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), v. 15, p. 1-13, 2012.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução: Sônia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOPARIC, Zeljko. O "animal humano". **Nat. hum.**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 351-397, dez. 2000. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2023.

MARTINS, J. S. Beluzzo e o insulto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, segunda-feira, 23/11/2009, Cidades/Metrópole, C8.

MEDINA, Alice Maria C. Relational paradigm of life, new meanings and values for life when viruses threaten. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, p.1-10, ano 21, n.44, janeiro/março de 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SALLES, José Geraldo do Carmo. Futebol: um lazer mágico da cultura brasileira. **Motus Corporis**, v. 5, n. 1, 1998.

Silva, N. V. Extensão e natureza das desigualdades raciais no Brasil. *In*: GUIMARÃES, A. S. A. & HUNTLEY, L. (Orgs.), **Tirando a máscara: ensaios sobre racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 33-52.

TOLEDO, L. Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo: Hucitec Editora, 1996.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003. 347 p.

TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo. **Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

WINNICOTT, D. W. **Collected Papers: through paediatrics to psychoanalysis**. London: Tavistock Publications, 1958.

NOTA DA AUTORA

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

Endereço para correspondência

Universidade de Brasília - Faculdade de Educação Física
Setor de Península Norte – Via L4 Norte
Brasília – Distrito Federal - CEP: 70.910-900

Submissão: 25/07/2023

Aceite: 10/10/2023